

# Rascunhos CULTURAIS



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MATO GROSSO DO SUL**

**CURSO DE LETRAS - CÂMPUS DE COXIM**

**REITOR**

*Marcelo Augusto Santos Turine*

**VICE-REITORA**

*Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo*

**DIRETORA DO CÂMPUS DE COXIM**

*Silvana Aparecida da Silva Zanchett*

**COORDENADOR DO CURSO DE  
LETRAS**

*Ivanildo José da Silva*

**EDITORA-CHEFE**

*Geovana Quinalha de Oliveira*

**EDITORA-CHEFE da área de Literatura**

*Marta Francisco de Oliveira*

**EDITORA-CHEFE da área de Linguística**

*Tiana Andreza Melo Antunes*

**IMAGEM DE CAPA**

*Sudamerica de Lucas Lima*

**REVISÃO**

*A revisão linguística e ortográfica é de  
responsabilidade dos autores*

**CÂMARA EDITORIAL**

*Eliene Dias de Oliveira Santana*

*Flávio Adriano Nantes Nunes*

*Geovana Quinalha de Oliveira*

*Marta Francisco Oliveira*

*Marcos Amorim*

**CONSELHO CIENTÍFICO**

*Ana Paula Squinelo (UFMS)*

*Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT)*

*Alberto Pinto (ULHT)*

*Amarino Oliveira de Queiroz (UFRN)*

*Clelia Maria Lima de Mello e Campigotto (UFSC)*

*Edgar César Nolasco dos Santos (UFMS)*

*Francisco Pereira Smith Júnior (UFPA)*

*Fulvia Zega (AREIA - Itália)*

*Glaucia Muniz Proença (UFMG)*

*Heloisa Helena Pacheco Cardoso (UFU)*

*José Batista de Sales (UFMS)*

*Luis Abel dos Santos Cezerilo (UEM)*

*Maria Adélia Menegazzo (UFMS)*

*Marcio Markendorf (UFSC)*

*Marcos Menezes (UFG)*

*Sheila Dias Maciel (UFMT)*

*Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra (UFMS)*

*Rosângela Patriota (UFU)*

*Vera Lúcia Puga (UFU)*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Coordenadoria de Biblioteca Central – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

Revista rascunhos culturais / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. – v.  
14, n. 28 (2023) - Coxim, MS : A Universidade, 2023- .  
v. 14, n. 28; 22 cm.

Semestral

ISSN 2177- 3424

1. Cultura - Periódicos. 2. Línguas e linguagem – Periódicos. I.  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

CDD (22) 050

# Sumário

- 5 Apresentação  
*Cláudia Nigro (UNESP)*  
*Flávio Adriano Nantes (UFMS)*

**Dossiê: Por enquanto é tempo de corpos  
“inconvenientes”: a voz de sujeitos ecoando na  
literatura e em outras linguagens artísticas**

- 7 Decolonialidade, Engajamento Poético e Resistência: o  
Legado de Pedro Casaldáliga em “Nossa Hora”  
*Cristiano Mendes Majewski*

- 21 Em Branco e Preto: a Fronteira do Corpo no Videoclipe  
“This Is America”, de Donald Glover  
*Ânderson Martins Pereira*  
*Ariane Ávila Neto de Farias*

- 36 *Itokodori* e o *Ethos* do Anime *Cyberpunk*  
*João Marciano Neto*

- 50 Proteção ou Punição? O Corpo Feminino em Corpo  
Desfeito, de Jarid Arraes  
*Ana Caroline Pereira Duarte*

## Entrevista

59

De Literatura, Política e Muitos Outros Afetos: Entrevista Com  
Natalia Borges Polesso

*Flávio Adriano Nantes*

# Apresentação

## **Por enquanto é tempo corpos “inconvenientes”: a voz de sujeitos ecoando na literatura e em outras linguagens artísticas**

Inconveniente é aquilo que atrapalha, prejudica, causa animosidade, obstáculo, embaraço, estranhamento, é desagradável, inoportuno, indesejável, logo, deve ser ajustado, combatido e eliminado. Este mesmo tratamento é perpetrado contra os corpos “inconvenientes”, aqueles que divergem das normas sociais institucionalizadas como as “adequadas”. A aplicabilidade de inconveniência aos corpos dá-se por um paradigma social ancorado ao patriarcado (cujo modelo é o homem branco, médio, urbano, sem deficiência, cristão) e à compulsão cis-heteronormativa, assim, mulheres, negros/as, indígenas, LGBTQIAPN+, entre outros, são corpos inconvenientes, portanto, não podem ser amados, devem ser invisibilizados, silenciados, postos à margem e, em última instância, eliminados letalmente.

Na contramão das questões acima elencadas, o atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, o professor Silvio Almeida, em seu discurso de posse, convocou para o seu ministério a responsabilidade em relação a sujeitos que haviam sido preteridos durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro e de sua ministra Damares Alves. Essas pessoas colocadas à margem, não reconhecidas e sem proteção efetiva do Estado-nação puderam respirar com um pouco de alívio quando ouviram de Almeida: “Como primeiro ato quero dizer o óbvio que foi negado nos últimos quatro anos [...] pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, intersexo e não binárias, vocês existem e são muito valiosas para nós”<sup>1</sup>. Compete a nós, a sociedade como um todo, re-pensar o *modus operandi* letal que ainda atinge determinados sujeitos nos limites geográficos brasileiros, pois o Brasil ocupa, segundo os relatórios mais recentes da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), o 1º lugar no *ranking* mundial em assassinato a mulheres trans por quinze anos consecutivos<sup>2</sup>.

Diante de um quadro de violência extrema, a literatura e outras linguagens artísticas podem se insurgir como força contrária, *i.e.*, perpetrar um discurso que caminhe na contramão da necropolítica (Mbembe, 2017)<sup>3</sup>: a morte de sujeitos que não são protegidos pelo Estado-nação, logo, o assassino é, ainda que indiretamente, o próprio Estado. Estar na contramão do discurso hegemônico social significa repetir as palavras do atual ministro dos Direitos Humanos; significa afirmar categoricamente que todos os sujeitos, sem exceção, têm direito a uma vida vivível, respirável, digna. Não à toa tomamos de empréstimo e parafraseamos as últimas palavras de *A hora da estrela*, de Clarice

---

<sup>1</sup> <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/leia-a-integra-do-discurso-de-silvio-almeida-somos-a-vitoria-dos-nossos-antepassados/>

<sup>2</sup> A ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) divulgou no primeiro mês de 2024 que o Brasil continua ocupando o topo em assassinatos a mulheres trans por 15 anos consecutivos, indicando que houve um aumento de 10% de 2022 para 2023. Acesso ao dossiê no link: <https://static.poder360.com.br/2024/01/dossie-violencia-trans-antra-2024.pdf>

<sup>3</sup> O termo necropolítica foi cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, e o texto que trata do tema está em: MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

Lispector, para pensar este dossiê temático que abarca os sujeitos elencados por Silvio Almeida, ademais de acrescentar as pessoas negras, indígenas, mulheres cis.

A escritora brasileira, em seu último romance, tratou de dar voz a uma mulher nordestina, migrante na cidade grande, pobre, fora dos padrões hegemônicos de beleza (um amontoado de dissidências), que ao final sofre um acidente letal. A personagem poderia ter tido qualquer outra morte, pois não importa o meio, o que prevaleceria seria o corpo “sem importância”, o corpo abjeto, o corpo que não pode ser amado, o corpo que não tem direito ao luto e ao pranto social (Butler, 2020)<sup>4</sup>, como é o corpo de Macabéa. Na esteira da escritura de Lispector, os trabalhos que conformam o dossiê nº. 28, *Por enquanto é tempo corpos “inconvenientes”*: a voz de sujeitos ecoando na literatura e em outras linguagens artísticas, apresentam um posicionamento insurgente, indagando as razões pelas quais ainda há vidas que não importam, reclamando do Estado-nação proteção efetiva, arguindo por que há pessoas que sofrem violências, assédios, injúrias por ser quem são; e mais, questionam por que a sociedade como um todo ainda não se deu conta de que a vida humana é urgente, imperante, sem precedentes?

Determinados corpos, sobretudo os subalternizados/minorizados, em diversas sociedades ao redor do mundo, sofrem atrocidades – injúrias, assédios, violência física e/ou letal – que podem ser transmutadas para o texto literário, tal como fazem, entre outras/os escritoras/es, uma Patrícia Melo (*Mulheres empilhadas*); uma Conceição Evaristo (*Olhos d’água*); um Marcelino Freire (*Angu de sangue*); um Bernardo Kucinski (*A nova ordem*); uma Bernardine Evaristo (*Garota, mulher, outras*). E nisto, na articulação poética entre o factual para o ficcional, está centrada a possibilidade de reflexão. O leitor consegue inferir, a partir das obras exemplificadas ou em tantas outras, que nos dois mundos – no empírico e no literário – há uma política de morte e uma política de vida, *i.e.*, há corpos que são protegidos (os brancos, cis, héteros, sem deficiência, urbanos) e corpos que não o são os (os “inconvenientes”). E é na esteira destas/es escritoras/es que pesquisadoras e pesquisadores nos oferecem valiosas reflexões sobre o tema ora proposto.

Boa leitura.

Cláudia Nigro (UNESP)  
Flávio Adriano Nantes (UFMS)

---

<sup>4</sup> BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.